



O que a parábola do Bom Samaritano ensina sobre o Plano de Salvação?

“Porém um certo samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele, e vendo-o, moveu-se de íntima compaixão; E aproximando-se, atou-lhe as feridas, deitando-lhes azeite e vinho; e pondo-o sobre a sua cavalgadura, levou-o para uma estalagem, e cuidou dele.”

Lucas 10:33-34

O conhecimento

Um dia, um “doutor da lei” tentou testar Jesus em Seus ensinamentos, perguntando-Lhe: “Mestre, que farei para herdar a vida eterna?” (Lucas 10:25). A resposta de Jesus foi simples, usando o conhecimento do homem das Escrituras do Velho Testamento para responder à sua própria pergunta: “Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento; e ao teu próximo como a ti mesmo” (Lucas 10:27); cf. Deuteronômio 10:12).

Em seguida, na tentativa de “justificar-se”, o doutor da lei ainda perguntou: “E quem é o meu próximo?” (Lucas 10:29). As duas perguntas do doutor, sobre os requisitos para a vida eterna e da identidade do

próximo, são fundamentais para entender a parábola do Bom Samaritano.

Para responder a estas duas perguntas, Jesus ensina Sua parábola mais famosa: a de um homem que, no caminho de Jerusalém a Jericó, caiu nas mãos de ladrões, deixando-o meio morto. Depois que um sacerdote e um levita passaram de largo sem ajudá-lo, chega “um samaritano”, que derramou azeite e vinho sobre o homem e enfaixou suas feridas, levou-o para uma pousada e, em seguida, oferecendo-se generosamente para recompensar o hospedeiro, por seu cuidado e hospedagem (Lucas 10:30-35). Ao final da história, Jesus perguntou ao doutor da lei qual desses personagens seria o próximo do viajante

ferido. Ao que o doutor da lei respondeu: “O que usou de misericórdia para com ele”, isto é, o samaritano (Lucas 10:37).

John e Jeannie Welch sugeriram que, além de identificar as qualidades ideais de um verdadeiro próximo (em resposta à segunda pergunta do homem), essa parábola detalhada oferece “um resumo do plano de salvação, desde o início do homem ferido em um lugar santo até a promessa de recompensa ao hospedeiro, quando o Salvador retornar”.¹ As primeiras interpretações cristãs desta parábola também veem nela um microcosmo da história da família humana e as bênçãos prometidas aos fiéis através dos poderes de cura de Jesus Cristo e sua Expição. Assim, os escritos dos primeiros padres da igreja, como Orígenes, Clemente de Alexandria e Irineu, podem oferecer muitas ideias importantes para o público cristão moderno.² Primeiro, o homem que viajava de Jerusalém a Jericó foi compreendido como representante de Adão (Lucas 10:30). Além de se referir ao próprio Adão, a palavra *Adão* em hebraico também pode significar “homem” ou “humanidade”. Assim, o viajante pode ser visto como uma dupla representação de Adão e da humanidade em geral, uma vez que todos nós, em algum momento, nos encontramos espiritualmente feridos e vulneráveis. “Todos nós descemos como Adão e Eva, sujeitos às mudanças da mortalidade”, escreve o Welch.³ É também digno de nota que o homem “*descia*[...] de Jerusalém para Jericó” (Lucas 10:30; ênfase adicionada). Essa mudança de um lugar elevado de glória (Jerusalém) para a cidade mais baixa da Terra (Jericó) é uma analogia apropriada para a queda de Adão e Eva.⁴ Com relação à queda semelhante que todos nós sofremos na mortalidade, John Welch observa,

”A linguagem de Lucas 10 implica que o homem desceu intencionalmente, por sua própria vontade, conhecendo os riscos envolvidos na jornada. No relato, ninguém obriga o homem a descer a Jericó; e, por alguma razão, a pessoa parece achar que vale o risco evidente de tal viagem, que era bem conhecido por todas as pessoas da época de Cristo”.⁵

O potencial risco dessa jornada tornou-se realidade quando o homem “caiu nas mãos dos salteadores, os

quais o despojaram, e espancando-o, se retiraram, deixando-o meio morto” (Lucas 10:30). Assim como Adão e Eva não puderam se redimir após sua queda (Mosias 3:16-17; Helamã 5:9), este homem estava em um estado ferido e decaído, incapaz de se curar ou avançar em sua jornada sem ajuda. Portanto, precisava desesperadamente de um Salvador.

Quanto aos salteadores (na verdade, “bandidos”) que atacaram o homem, podem ser facilmente associados “ao diabo, suas forças, espíritos malignos ou falsos mestres”.⁶ E, nesse sentido, todos nós enfrentamos vários tipos de salteadores prejudiciais em nossa jornada mortal. Embora possa parecer que o sacerdote e o levita deviam ter salvado o homem da violência destes salteadores, não o fizeram.⁷ Somente o samaritano, que pertencia a um grupo de pessoas desprezadas pela maioria dos judeus durante a vida de Jesus, estava disposto e capaz de fazê-lo.

Não é de se admirar que os primeiros cristãos considerassem o Bom Samaritano como uma representação do próprio Jesus Cristo.⁸ Embora desprezado por muitos dos seus, Ele é o único verdadeiramente capaz de resgatar a humanidade de sua condição decaída. Segundo o Livro de Mórmon, Jesus ofereceu uma expiação pelos pecados do mundo devido a Suas entranhas “cheias de misericórdia, [...] cheio de compaixão pelos filhos dos homens” (Mosias 15:9). Quanto ao Bom Samaritano, a “palavra grega literalmente diz que as entranhas do samaritano foram tocadas com profunda e íntima compaixão. Esta palavra só é usada no Novo Testamento quando os autores desejam descrever as emoções divinas de misericórdia de Deus.”⁹ Como parte de seu serviço ao viajante assaltado, o samaritano derramou “azeite e vinho” sobre suas feridas (Lucas 10:34). Provavelmente refere-se ao óleo de oliva, usado na unção sagrada de reis e sacerdotes, que também está relacionado ao recebimento do Espírito Santo. O vinho “pode representar o sangue de Cristo que lava o pecado e purifica a alma, trazendo paz curativa”.¹⁰ Por fim, o samaritano levou o homem ferido para uma hospedaria, onde poderia receber mais cuidados. Os primeiros cristãos viram neste último ato de amor a Cristo levando a alma ferida à “Santa Igreja”, onde seus discípulos (incluindo o hospedeiro ou líder da Igreja) poderiam continuar a vigiar e cuidar da pessoa.¹¹ Quando o samaritano partiu no dia seguinte, prometeu voltar e pagar o hospedeiro, usando uma palavra algo única no Novo

Testamento encontrada apenas aqui e em Lucas 19:15, referindo-se ao tempo “em que o Senhor voltaria para julgar o povo”.¹² Da mesma forma, algum dia em um futuro próximo, Cristo retornará ao mundo e julgará quão bem Seus seguidores cuidaram das necessidades físicas e espirituais dos outros e os recompensará de acordo.

O porquê

Embora aparentemente simples na superfície, a parábola do Bom Samaritano responde brilhantemente às duas perguntas do doutor da lei, com múltiplas camadas de significado. Cristo mostra que obter a vida eterna não é apenas uma questão de fomentar um sentimento subjetivo de boa vontade para com Deus, nem é simplesmente uma questão de ajudar viajantes feridos em circunstâncias difíceis.

Pelo contrário, trata-se de preencher nossas vidas mortais com a verdadeira caridade cristã, de boa vizinhança, na perspectiva mais ampla do plano de salvação. E, para esse fim, a parábola oferece uma bela síntese de todo o plano – do nosso estado decaído e ferido, do desejo misericordioso de Cristo e da sua capacidade de curar, e do papel da Igreja em nutrir as nossas almas em preparação para o retorno de Cristo.

De acordo com o Élder Neil L. Andersen:

O Salvador é o nosso Bom Samaritano, enviado “para curar os quebrantados de coração”. Ele vem até nós enquanto outros nos ignoram. Com compaixão, Ele deposita seu bálsamo de cura sobre nossas feridas e as sara. Ele nos carrega. Ele Se preocupa conosco. Ele nos convida: “[Vinde] a mim (...) e eu [vos curarei]”. Olhem para frente. Seus problemas e suas tristezas são muito reais, mas não durarão para sempre. Suas noites escuras passarão, pois o Filho realmente “se levantará com poder de cura em suas asas”.¹³

Um dos aspectos mais belos do plano de salvação é nossa capacidade de trabalhar com Cristo para a salvação de outros, assim como Ele trabalha incessantemente por nós. Quando entendemos desta maneira, cada um de nós, como o Bom Samaritano, tem a responsabilidade de cuidar das almas perdidas e feridas que cruzam nosso caminho durante nossa jornada mortal.

“Em um nível”, escrevem John e Jeannie Welch, “as pessoas podem e devem se ver como bons samaritanos, agindo como salvadores físicos e como salvadores no Monte Sião, ajudando pessoal e diretamente no resgate de almas perdidas e de todas as pessoas necessitadas. [...] Ao agir como o samaritano, nos unimos ao Salvador para ajudar a levar a efeito a salvação e a vida eterna da humanidade.¹⁴ Assim como podemos ser bons samaritanos para os outros, “os discípulos também querem pensar em si mesmos como hospedeiros que foram comissionados por Jesus Cristo para ministrar aos necessitados e facilitar institucionalmente a recuperação espiritual de longo prazo dos viajantes feridos da vida”.¹⁵ Nas palavras recentes do Élder Gerrit W. Gong: “Irmãos e irmãs, que cada um de nós receba calorosamente a todos em Sua Estalagem”¹⁶, onde sempre há espaço de sobra.

Leitura complementar

John W. Welch e Jeannie S. Welch, *The Parables of Jesus: Revealing the Plan of Salvation* (American Fork, UT: Covenant Communications, 2019), pp. 34–43.

Neil L. Anderson, “Feridos”, Conferência Geral, outubro de 2018.

John W. Welch, “O Bom Samaritano: Símbolos Esquecidos”, *A Liahona*, fevereiro de 2007, pp. 41–47.

John W. Welch, “The Good Samaritan: A Type and Shadow of the Plan of Salvation,” *BYU Studies Quarterly* 38, no. 2 (1999): pp. 50–115.



© Central do Livro de Mórmon, 2023

YouTube

Clique no link abaixo para assistir ao vídeo deste KnoWhy no YouTube:



<https://youtu.be/cdzvGQVObfc>

Notas de rodapé

1. John W. Welch e Jeanie S. Welch, *The Parables of Jesus: Revealing the Plan of Salvation* (American Fork, UT: Covenant Communications, 2019), p. 35.
2. Ver Welch e Welch, *Parables of Jesus*, p. 37.
3. Welch e Welch, *Parables of Jesus*, p. 37.
Ver John W. Welch, “The Good Samaritan: A Type and Shadow of the Plan of Salvation,” *BYU Studies Quarterly* 38, no. 2 (1999): p. 73; John W. Welch, “O Bom Samaritano: Símbolos Esquecidos”, *Liahona*, fevereiro de 2007, p. 43; e “Ver a nós mesmos na estrada de Jericó”, *Liahona*, abril de 2023, p. 48.
4. “A mais de 250 metros abaixo do nível do mar, Jericó é a cidade mais baixa da Terra”. Welch e Welch, *Parables of Jesus*, p. 38.
Ver também Welch, “Type and Shadow”, p. 75; Welch, “Símbolos Esquecidos”, p. 43.
5. Welch, “Type and Shadow”, p. 74. Ver também Welch e Welch, *Parables of Jesus*, p. 38; Welch, “Símbolos Esquecidos”, p. 43.
6. Welch e Welch, *Parables of Jesus*, p. 38.
Ver também Welch, “Type and Shadow”, pp. 75–77; Welch, “Símbolos Esquecidos”, pp. 43–44.
7. Welch e Welch, *Parables of Jesus*, p. 38, cita fontes cristãs antigas que sustentam que o sacerdote e o levita representavam a Lei e os Profetas, que não podiam oferecer salvação duradoura. Ver também Welch, “Type and Shadow”, p. 77–79; Welch, “Símbolos Esquecidos”, p. 44.
8. Ver Welch e Welch, *Parables of Jesus*, p. 38. Ver também Welch, “Type and Shadow”, pp. 79–80; Welch, “Símbolos Esquecidos”, p. 44.
9. Welch e Welch, *Parables of Jesus*, p. 38.
Ver também Welch, “Type and Shadow”, p. 80–81; Welch, “Símbolos Esquecidos”, p. 44–45.
10. Welch e Welch, *Parables of Jesus*, p. 39. Ver também Welch, “Type and Shadow”, 81–82; Welch, “Símbolos Esquecidos”, p. 45.
11. Welch, “Type and Shadow”, p. 83. Ver também Welch, “Type and Shadow”, p. 82–84; Welch, “Símbolos Esquecidos”, p. 45–46.
12. Welch e Welch, *Parables of Jesus*, p. 39. Ver também Welch, “Type and Shadow”, p. 84–85; Welch, “Símbolos Esquecidos”, p. 46.
13. Neil L. Anderson, “Feridos”, Conferência Geral, outubro de 2018.
14. Welch e Welch, *Parables of Jesus*, p. 39.
15. Welch e Welch, *Parables of Jesus*, p. 39.
16. Gerrit W. Gong, “Lugar na estalagem”, Conferência Geral, abril de 2021.